



//Norte-Sul



Em Braga, a família suporta uma em cada três pessoas sem trabalho • Quase tanto quanto o subsídio de desemprego

UM TERÇO DOS DESEMPREGADOS VIVE GRACAS A FAMÍLIA

Alexandra Figueira e Maria Cláudia Monteiro
locais@jn.pt

Quando o subsídio de desemprego cobre cada vez menos a multidão de desempregados, de que vive quem perdeu o trabalho? Um terço dos desempregados vive graças ao apoio financeiro da família.

A realidade é semelhante em Braga, no Norte e no país: em cada três desempregados, um vive graças ao apoio da família, diz o INE, no Censo de 2011. Nas zonas mais deprimidas do distrito, o cenário é ainda mais grave: em Cabeceiras de Basto ou Celorico de Basto, quase metade dos desempregados vive a cargo da família. O subsídio de desemprego era, na altura, o respaldo financeiro de 39% dos desempregados do distrito, um peso maior do que os 31% a nível nacional que dependiam da prestação social. Dentro do distrito de Braga, ressalta o exemplo de Vizela, o único

onde o subsídio de desemprego cumpre a sua função de suportar financeiramente quem perdeu o trabalho.

Em todo o caso, e apesar de não haver dados mais atuais, é de admitir que hoje a realidade seja mais grave: com os cortes sucessivos no subsídio e a subida do desemprego de longa duração, tudo indica que o número de pessoas a depender dos familiares esteja a aumentar.

Do apoio da família e também do Estado. O Rendimento Social de Inserção tem sido fortemente cortado no último ano, mas em 2011 sustentava quatro em cada cem habitantes do distrito – menos do que a média nacional e, sobretudo, do que o registado na média da região Norte, dominada pela negativa pelo peso esmagador do Porto.

Note-se ainda que o INE registou, em Braga, que um em cada dez desempregados viveu, sobretudo, de um salário. A aparentemente contradição explica-se pelo facto de haver quem tenha passado a maior parte do ano a trabalhar, passando só parte do tempo desempregado. ●

DISTRITO DE BRAGA // P. RADIOGRAFIA DO DISTRITO (Censos 2011)



REPORTAGEM Casal de Braga está sem emprego há anos e sem perspectiva de voltar. Apoio da família é fundamental para subsistência

“Sem o apoio dos filhos, não seria possível sobreviver”

A esperança de voltar ao mercado de trabalho é já uma miragem para Idalina Cruz e Carlos Silva, casal de desempregados de Braga, de 57 e 60 anos, respetivamente, que sobrevive graças à ajuda dos filhos, além do auxílio pontual de amigos e de instituições de solidariedade como a Bogalha.

Os 300 euros que recebem de subsídio social não cobrem as despesas do pequeno agregado familiar de que ainda faz parte uma filha de 25 anos, também desempregada. À magra verba têm de ser ainda retirados 35 euros

todos os mensais para pagamento de prestações sociais em atraso, superior a quatro mil euros.

“A Segurança Social queria que pagássemos mais por mês, mas é impossível”, lamenta Carlos Silva, um pintor de arte sacra que se viu sem emprego após mais de quatro décadas a trabalhar na área.

Quando, em 2005, saiu da empresa para instalar-se por conta própria não imaginaria o longo calvário que se seguiria. A experiência profissional de nada lhe valeu. Bem pelo contrário, pois quase todos os empregadores lhe confessaram preferir admitir funcionários “mais novos e mais baratos”.

Idalina foi a primeira a ficar sem trabalho, já lá vão 13 anos. As formações e cursos em que se foi inscrevendo periodicamente foram simples: lenitivos incapazes de mascarar o essencial: a inexistência de ofertas no mercado laboral. “Nunca recebi uma proposta



Idalina Cruz e Carlos Silva já perderam a esperança de regressar ao mercado

que fosse através do centro de emprego”, recorda, lamentando a falta de oportunidades concedidas pelas muitas empresas, “tantas que já lhes perdi a conta”, que foi contactando ao longo dos anos.

No meio de tanto reveses, apenas os laços familiares saíram reforçados, mesmo que por razões pelas quais ambos

abdicariam por certo. Convidados de que “sem o apoio dos filhos, e não só, já nem conseguiríamos sobreviver”, Idalina e Carlos confessam a profunda mágoa sentida pela indefinição atual em torno do futuro. “Numa altura em que devíamos estar preparados para entrar na velhice, vemos-nos nesta situação de

absoluta dependência”, deixa escapar, emocionada, Idalina Cruz.

A situação, já próxima do limite, poderá agravar-se não só com o fim do subsídio atribuído à filha mais nova, mas também com a espiral de cortes em curso que ameaça retirar o pouco que já recebem.

SÉRGIO ALMEIDA

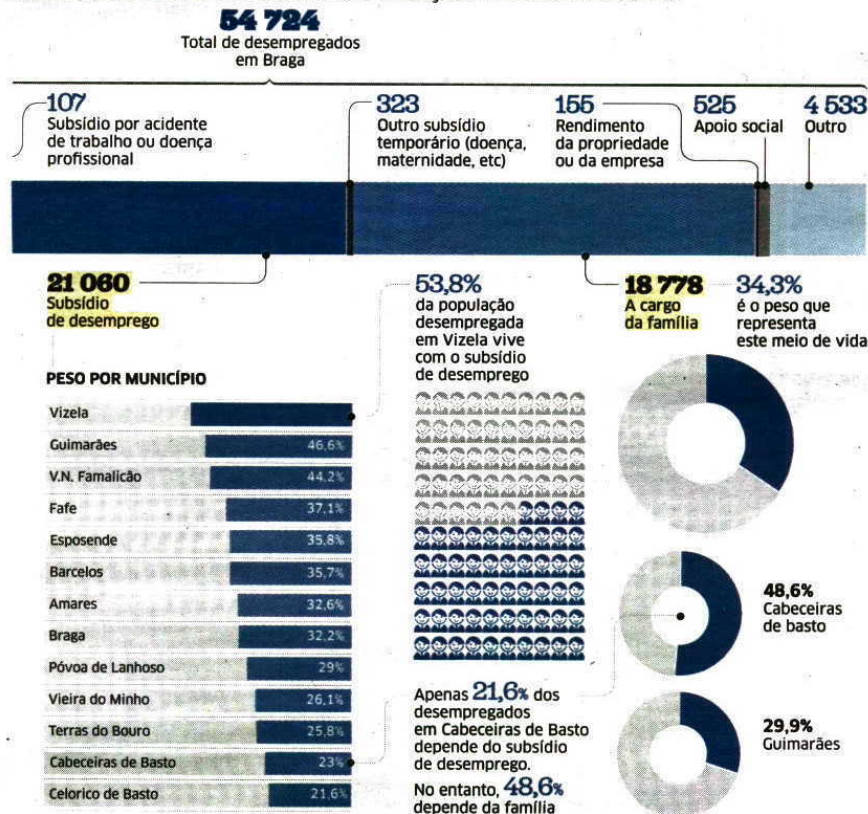
TREZENTOS EUROS QUE RECEBEM NÃO CHEGAM PARA OS GASTOS



UNIVERSITÁRIOS COM APOIO PARA EMPREGO

Dentro da Universidade do Minho, e na alçada da Associação Académica, o LIFTOFF é um gabinete do empreendedor, ferramenta permanente e dinamo de atração de ideias que fomenta a empregabilidade jovem.

PRINCIPAL MEIO DE VIDA DA POPULAÇÃO DESEMPREGADA



Vive-se numa "situação complexa e muito dramática"

QUANDO as pessoas já não têm a quem recorrer, além de familiares e amigos, estão perante uma "situação altamente dramática e complexa", diz Manuel Carlos Silva, catedrático de Sociologia da Universidade do Minho (UM). O investigador sublinha que se perderam ligações de entreajuda existentes com o mundo rural, não havendo "solidariedade no espaço urbano".

Os que dependem de terceiros sabem que a ajuda não vai durar para sempre. Até porque "as pessoas têm uma lógica de sobrevivência defensiva". Temem que o mesmo lhes aconteça.

Manifestações, ou outro tipo de protestos mais frutíferos - como a invasão de um supermercado em Espanha -, são situações pontuais. A que se seguem momentos de "reflexão": "As pessoas tomam uma atitude mais defensiva e o medo instala-se".



Carlos Silva diz que emigrar não é para todos

Esse é um dos motivos que levam o diretor do Centro de Investigação em Ciências Sociais da UM a falar em "pré-rutura". Ou seja, casos "extremos de desespero" cujo limite pode chegar ao suicídio.

E nem a emigração, até agora vista como saída para a falta de recursos económicos, oferece as garantias de antes. "Os países nórdicos, Holanda, Alemanha e Reino Unido recrutam mão de obra

qualificada para áreas em que têm défice".

Para a mão de obra não qualificada "não há saída no raio geográfico mais próximo" (Espanha ou França), acrescenta Manuel Carlos Silva. Só para aqueles que "que têm uma rede" de apoio no país de destino. A ida para outros continentes também não é viável para os mais carenciados, por causa dos preços das viagens "para Angola ou Brasil". **ANA GASPAR**



BRAGA P.22 E 23

Apoio das famílias é crucial para 39% de desempregados